Eleni Varikas (1949–2026)

Viento Sur

19/01/2026

Reproduzimos a homenagem que *Viento Sur* faz a Eleni Varikas.
Acrescentamos um momento importante de suas várias visitas ao Brasil: a publicação, pela Fundação Perseu Abramo, do livro *União Operária*, de Flora Tristan*, cujo prefácio Eleni Varikas nos presenteou. Começa assim:

> “Flora Célestine Thérèse Tristán y Moscoso (1803–1844) é uma das mais fascinantes personagens da história do movimento operário. Precursora do socialismo, da igualdade entre os sexos e do internacionalismo proletário, ela semeou um impressionante conjunto de ideias subversivas durante sua vida, que foi abreviada abruptamente em decorrência da febre tifoide.”

E continua:

> “É por isso que a famosa análise feita por Flora Tristán do estatuto de pária das mulheres se encontra em *União Operária*. Este panfleto, formulado quatro anos antes do *Manifesto Comunista*, traz a ideia de uma união universal de operários e operárias, aos quais ela convida a se organizar em dimensão internacional. Ao situar seu capítulo ‘Por que eu menciono as mulheres’ no meio deste manifesto, Flora Tristán faz, a seu modo, uma ‘menção particular’ à metade da classe operária — as operárias — que permanecem párias e ‘ainda esperando’, junto com o restante de suas semelhantes, ‘seu 1789’. Ao mencionar as mulheres, ela não apenas destaca que o pleno pertencimento à classe operária passa por uma declaração solene da ‘igualdade absoluta dos sexos’.”

Eleni Varikas, presente!

Jaime Pastor, editor de Viento Sur

Eleni Varikas, veterana na luta pelo socialismo desde baixo e pelo feminismo anticapitalista, professora e pesquisadora em teoria política e estudos de gênero, faleceu. Na *Viento Sur*, tivemos a sorte de contar com algumas de suas contribuições, como o artigo que escreveu para a edição nº 52. Ela também era companheira de nosso querido Michael Löwy.

Sempre nos lembraremos dela, tanto por seu trabalho e exemplo de perseverança na luta quanto pelo carinho que transmitia — como ficou evidente quando pudemos encontrá-la com Michael, em Madri, na homenagem a Ernest Mandel, em maio de 2023.

Pesquisadores do CNRS

Recebemos com profunda tristeza a notícia, comunicada por seu marido, Michael Löwy, do falecimento de Eleni Varikas, ocorrido na sexta-feira, 9 de janeiro de 2026. Ela tinha 76 anos.

Historiadora de formação (Universidade Paris 7), Eleni Varikas foi professora emérita franco-grega de filosofia política e estudos de gênero na Universidade Paris 8 Vincennes–Saint-Denis. Foi também membro do GTM até sua aposentadoria. Seu trabalho intelectual, na interseção entre história, teoria política e feminismo, deixou uma marca indelével nas ciências sociais, na França e internacionalmente.

Sua dissertação, intitulada *La Révolte des Dames: genèse d'une conscience féministe dans la Grèce au XIXe siècle (1830–1907)* (*A revolta das mulheres: gênese de uma consciência feminista na Grécia do século XIX*), é um trabalho de grande relevância.

Entre suas obras mais importantes estão *Penser le sexe et le genre* (PUF, coleção "Questions d'éthique", 2006) e *Les Rebuts du monde. Figures du paria* (Paris, Stock, 2017). Foi também coautora, com Keith McClelland e Leonore Davidoff, de *Gender and History: Retrospect and Prospect* (Wiley-Blackwell, 2000).

Eleni Varikas desempenhou ainda um papel vital no trabalho editorial e colaborativo dos estudos feministas. Participou da edição da antologia *Les femmes, de Platon à Derrida. Critique de l'anthologie*, junto com Françoise Collin e Evelyne Pisier (Plon, 2000; reeditado pela Dalloz, 2011), e coeditou *Sous les sciences sociales, le genre. Relectures critiques de Max Weber à Bruno Latour* (com Danielle Chabaud, Virginie Descoutures e Anne-Marie Devreux, La Découverte, 2010). Coordenou diversos números da revista *Cahiers du Genre*, da qual integrou a comissão de leitura, além da revista *Tumultes*.

Em 2017, a editora iXe publicou a coletânea *Eleni Varikas: pour une théorie féministe du politique*, organizada por Isabelle Clair e Elsa Dorlin.

Sua obra, escrita ou traduzida para o inglês, português, espanhol, italiano, alemão e grego, continua a enriquecer a reflexão contemporânea sobre feminismo, democracia e figuras políticas.

Eleni nos inspirou por sua coragem intelectual ao propor leituras feministas de Foucault em uma época em que ele era considerado antifeminista, bem como ao apontar as limitações das políticas de paridade após sua institucionalização. Seu pensamento transcendia línguas e disciplinas, o que constitui uma das riquezas de sua contribuição acadêmica. Aqueles que a conheceram apreciavam seu humor e sua bondade — qualidades que fizeram dessa pesquisadora excepcional uma colega admirada e estimada.

Apresentamos nossas mais profundas condolências à sua família, entes queridos, colegas e a todos aqueles cujas vidas foram profundamente tocadas por seu trabalho, ensino e dedicação.

Jean-Louis Touton, professor de História, Luxemburgo

Eleni coorientou minha dissertação de mestrado com Denis Berger e minha tese de doutorado com Jean-Marie Vincent. Minha dissertação tinha como título *Homossexuais e colonizados: temas políticos cruzados na obra de Daniel Guérin*; e minha tese de doutorado, *Ambiguidades e contradições relativas do status dos menores/crianças em textos internacionais. Que proteção para que infância? Quais direitos internacionais*

da infância?

Fiquei fascinado pela importância do conceito de gênero, que ela ajudou a popularizar na França, seguindo os passos de Judith Butler e do que ainda não se chamava interseccionalidade. Ela foi a intelectual que acolheu meus temas de pesquisa, pois eles constituíam a base de seu conceito de pária. Não pude dar continuidade à tese, mas esses três anos de trabalho me moldaram politicamente tanto quanto meu tempo na LCR (Liga Comunista Revolucionária).

Frequentar as aulas de Varikas Harbi e os cursos na rua de Tunis — sede do LCR — com Daniel Bensaïd, à tarde, fez parte dos meus anos como jovem militante gay em busca de uma união universalista entre as lutas dos oprimidos e explorados. Como feminista, creio que ela compreendeu espontaneamente os projetos que eu queria e precisava implementar dentro do que chamava de aporia do Iluminismo: a integração abstrata das opressões, que muitas vezes as apaga por meio de sua negação pura e simples.

O debate teórico segue em aberto: como evitar tanto um Iluminismo que cega quanto a rejeição das identidades como excessivamente fragmentadas e incompatíveis com o universalismo? Como integrar explorados e oprimidos em um projeto progressista e universalista? Encontrei fragmentos de resposta em suas aulas e acredito que, apesar das minhas fragilidades, ela apreciou o que eu tentava fazer.

Ela lutou apaixonadamente pela libertação de Paolo Persichetti, pesquisador italiano perseguido por suas atividades durante os Anos de Chumbo. Não hesitou em politizar suas aulas com honestidade, explicando claramente suas posições e fazendo referência à ditadura grega, sem jamais abrir mão do rigor acadêmico. Em Paris VIII, havia uma vontade — da qual Eleni era figura central — de criar uma filosofia política que ressoasse pelo mundo: uma ferramenta de luta.

Sou profundamente grato a ela, que significou tanto em minha vida.

KDE-Spartakus

Eleni Varikas, filha de Vasos Varikas, dirigente histórico do movimento trotskista, nasceu em Atenas em 1949 e estudou na Faculdade de Filosofia da Universidade de Atenas, na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais e na Universidade Paris 7.

Participou da Frente Revolucionária Comunista Trotskista na metrópole e, a partir de 1977, do OKDE, após a unificação das duas organizações. Foi membro fundamental do jornal *Roadblock* e participou ativamente dos primeiros grupos feministas da época.

Ao longo de sua vida, manteve-se fiel aos princípios da IV Internacional.

Foi professora associada de Ciência Política e Estudos de Gênero na Universidade Paris 8 e membro do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) em Paris. Atuou como pesquisadora no Instituto Universitário Europeu de Florença e na Universidade de Harvard, além de lecionar em diversas universidades europeias e americanas, incluindo a EHESS, a Universidade Estadual de Portland, a New School for Social Research, as universidades de Wisconsin, Columbia e Cornell, a UNAM (México), a USP e a Unicamp (Brasil), bem como a Universidade Nacional e Capodistriana de Atenas e a Universidade de Creta.

Os escritos de Eleni Varikas abrangem a história do feminismo, o pensamento político e social, a teoria crítica, bem como as relações entre gênero e raça.

Membro do Grupo Editorial Feminino, em 1981 organizou a publicação *A revolta começou há muito tempo: páginas dos primeiros passos do movimento feminista*, que destaca mulheres pioneiras na luta pela libertação feminina.

Sua obra *A rebelião das mulheres: gênese de uma consciência feminista na Grécia do século XIX (1830–1907)* é um estudo fundamental sobre a consciência de gênero e seus fundamentos materiais. A

dimensão profundamente política da diferença entre os sexos foi explorada em *Por uma teoria feminista da política*, que trata da transformação das experiências em horizonte político.

Por fim, *A escória do mundo. Figuras do pária* analisa os rejeitados da história — escravizados, judeus, mulheres, proletários — e suas lutas rebeldes contra a exclusão.

Para Varikas, a história das lutas dos oprimidos é parte constitutiva da história da humanidade. Sua obra sublinha a necessidade de transformar o estudo da opressão e da rebelião em uma nova teoria crítica das relações humanas, capaz de compreender o passado e intervir no presente para combater todas as formas de exclusão.

É esse o legado que ela nos deixa.

O OKDE Spartakos expressa suas condolências ao companheiro de Eleni Varikas, Michael Löwy.

O livro pode ser baixado AQUI.

Compartilhe nas redes: